



# Apresentação

## Presentation

A edição 16 da *Revista Rebento*, nomeada “O desfile das teatralidades marginais coletivas e periféricas: disputas e encontros no teatro de grupo”, recebeu diferentes tipos de contribuições, a partir da proposta de refletir sobre a presença do teatro de grupo na cena brasileira, poeticamente descrito como um desfile de escola de samba: no movimento do teatro de grupo, dançam, cantam e batucam na avenida inúmeros foliões; muitas alas - animadas por variadas vozes - em diferentes formas de organização; destaques e gente comum pisando o mesmo chão e ocupando as ruas e avenidas das cidades, num fenômeno pulsante e vivo.

Algumas dessas ponderações foram desenvolvidas em um período de tempo de “atentados reais contra a vida humana e a natural”, quando da junção perversa entre a pandemia da Covid-19 e as práticas negacionistas de um governo macabro, malévolos, apologista da tortura e golpista (por ameaças e por ação efetiva) que não quis que a população fosse vacinada e indicou “remédios” infundados; que desmatou como nunca; que buscou dizimar povos originais e que promoveu tantos tipos de agressão à vida... Desse quadro de horror, por volta de 700.000 pessoas foram mortas: genocídio real e incontável número de vida derrubadas, como um trator.

Esse grupo de textos reage ainda a estas circunstâncias histórico-sociais, apenas aparentemente superadas. São relatos que testemunham como coletivos teatrais, ligados ao sujeito histórico teatro de grupo, tiveram de intensificar sua luta para sobreviver, dedicando-se à linguagem representacional, em formas que trouxessem as gentes da vez, à consciência de uma possível transformação.

A produção teatral que a Edição 16 acolhe é fruto de processos e trabalhos coletivos de resistência a um indescritível conjunto de “dragões da maldade”, como se manifestou genialmente Glauber Rocha, em determinado momento de sua criação artística. Trata-se de artista e coletivos cujas obras (não produtos) coligem o cantar de sua aldeia (de acordo com Leon Tolstói e tanta gente mais), em estado de autonomia (de acordo com Paulo Freire e tanta gente mais), formando comunidades de ouvintes nas quais quem cria e organiza a produção, também se predispõe a fazê-lo com seus semelhantes (a partir das reflexões de Walter Benjamin e tanta gente mais).

Integram este número da *Rebento – Revista de Artes do Espetáculo* um conjunto de impressões e reverberações dos artistas do teatro de grupo, atuantes sobretudo na direção. A partir das contribuições recebidas, foi-se desenhando um foco nos fazeres e reflexões desses e dessas artistas que costumam assumir a responsabilidade de sintetizar na cena as vontades dos coletivos. Talvez em virtude da grande abrangência de suas intervenções nos processos criativos, suas perspectivas alcançam também a observação de outros campos e funções criativas com os quais “contracenam” na dinâmica de criação em grupalidade.

O conjunto aqui “montado” desenvolve seus fazeres revelando múltiplas faces do tema mobilizador desta edição, qual seja, as formas de teatro de grupo. Certamente, poderiam integrar este recorte do movimento do teatro de grupo atual, muitos outros artistas, criadores e criadoras cujas visões e trajetões em grupalidade ainda esperamos incluir em próximas edições da *Rebento*.

Abre este número 16 da *Rebento* um conjunto de Podcasts, formato de registro que a revista inaugura nesta edição. Compõe a seção textos curtos de Yara de Novaes (“A arte é um escape”), Roberto Gil Camargo (“Receita, em tese, de uma possibilidade de criação com o Grupo Katharsis [κάθαρση]”), Mônica Simões, em parceria com Carlos Gaúcho (“A Cidade de São Paulo como musa: para compreender a trajetória de um grupo de teatro que caminha”), e Cristiane Paoli-Quito (“Começo pelo corpo”). São registros autorais sobre os horizontes criativos desses e dessas artistas do teatro de grupo nacional, que nos conduzem ao universo sensível, aguçado pela prática da cena, que reverbera nos fazeres dos coletivos Grupo 3 de Teatro (fundado na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte), Grupo Katharsis (de Sorocaba, interior paulista), Caixa de Imagem (de São Paulo, capital) e Cia Nova Dança 4 (também da capital paulista).

Inaugurando a sequência de artigos, Patrícia Guilford assina “Uma artista cheia de barulhos”, escrita poética à maneira de manifesto voltada ao percurso de uma “mulher-polvo de teatro”. A experimentação pessoal refletida na trajetória profissional dessa atriz e diretora, atuante na Cia São Jorge e em outros coletivos, aproxima-se - em termos da relação arte-vida - das anotações de processo de Carla Candiotto, em seu “Guia prático de direção para o teatro infantil e jovem”. Os dois textos, de estilos tão distintos, aproximam-se na densidade da experimentação com a linguagem teatral, nos informando sobre as poéticas que ambas as artistas da cena vêm praticando, sintetizadas em procedimentos, escolhas temáticas e visões de mundo.

“O Teatro Documentário e a Representação do Mundo - notas a partir d’*Os Grandes Vulcões*, do Coletivo Comum” de Fernando Kinas, dá continuidade à discussão sobre teatro de grupo, explorando as investigações do grupo paulistano Coletivo Comum, na feitura de *Os Grandes Vulcões* (2021), obra híbrida, que mistura pressupostos do teatro documentário, do teatro político e do audiovisual. “Ato-espetáculo musical *Aos que Ficam*, ou *Escrevendo um Texto como se Estivesse Dirigindo uma Obra*: o encontro entre Ilo Krugli, Amir Haddad e César Vieira”, de Rogério Tarifa, é a próxima incursão nos caminhos do teatro

de grupo paulistano, fractado em diferentes experiências de direção que o autor vivenciou. Definindo-se como herdeiro do legado dos brasileiros Ilo Krugli, Amir Haddad e César Vieira, Tarifa homenageia seus mestres-diretores.

Verônica Fabrini assina o texto seguinte, “Habitando o menor: para comunicar-se na pandemia”, uma carta que revive sentimentos e reflexões do período pandêmico, para desenrolar o fio do percurso da diretora junto à Boa Companhia, coletivo sediado em Campinas (SP). As diversas facetas do arrebatamento estético da autora são expostas no discurso epistolar que desenvolve, dedicando atenção ao seu aprendizado de encenadora por meio do fazer. “Em cartaz”, artigo do diretor santista residente na capital, Marco Antônio Rodrigues, também recoloca as inquietações da pandemia - a qual define como uma cena deslocada - para pensar as possibilidades de criar novas cenas, que possam colocar-se como espelhos do tempo presente. O co-fundador do grupo Folias d’Arte, localizado na capital do estado de São Paulo, mergulha nas motivações e angústias do artista, que pensa sua função de diretor em atrito com o contexto político-social brasileiro.

“Crônicas de um diretor em investigação decolonial”, de Rodolfo García Vázquez, é outra apresentação crítica de uma trajetória junto à criação em coletivo, agora no caso do grupo Os Satyros. A escrita sobre o percurso do coletivo localizado na Praça Roosevelt, centro de São Paulo, deriva para outras ações do autor, junto à estudantada da MT Escola de Teatro (no Mato Grosso), aos e às artistas do grupo Imbuça (de Aracaju) e aos parceiros do Bold Theatre Kenya. O relato nos leva a refletir sobre relações de sujeição e dominação, presentes em projetos teatrais em grupo e, em especial, quando estão envolvidos no processos trânsitos geográficos.

Cibele Forjaz, em “Porque teatro?, mais uma vez”, registra sua experiência como artista de teatro formada no contexto de criação em grupo, como integrante dos coletivos teatrais Sons, Oficina Uzyna Uzona e Cia Livre. A repetição da questão “por que teatro?” conduz a narrativa, que vai se eclipsando conforme diferentes razões são elencadas para - ainda uma e mais outra vez - voltar ao trabalho de ensaiar. É essa insistência, por fim, que refina a maneira da autora de abraçar projetos de pesquisa e dirigir e iluminar espetáculos teatrais.

Ana Teixeira, em “Uma Narrativa em breves Relatos de Procedimentos Artísticos sobre o Amok” explicita a caminhada do grupo Amok, da capital do Rio de Janeiro, encontrando aproximações entre Decroux e Artaud que fundamentam os processos criativos e pedagógicos por ela dirigidos. Assim como Ana Teixeira a diretora, dramaturga, figurinista e atriz Claudia Schapira aposta na ourivesaria da linguagem, descrevendo, em “Papiros e outros escritos arqueológicos sobre o Teatro Hip Hop”, suas buscas e escolhas junto ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Fundado em 1999 na capital do estado de São Paulo, o Núcleo Bartolomeu vem aprofundando as misturas que propõe entre Teatro Hip Hop e teatro épico, que distinguem o coletivo.

Dois outros registros nos ajudam a circunscrever a importância e multiplicidade de experiências registradas na história do teatro de grupo, a exemplo do caso paulistano. O ensaio visual “Macumba Antropófaga”, de Ricardo Bezerra,

revive para as gerações de agora e do futuro imagens estimulantes do Teatro Oficina Uzyna Uzona, celebrando seu diretor e fundador, José Celso Martinez Corrêa. Por fim, Nelson Baskerville, em “Uma narrativa ilustrada no corpo: algumas encenações de Nelson Baskerville” costura textos, desenhos autorais de processo, obras plásticas e fotografias de encenações suas junto ao grupo AntiKatártiKa Teatral. A riqueza visual desse caderno de processo, lado a lado às fotografias das montagens, testemunha tanto a genética dos processos, quanto o interesse multidisciplinar do diretor-pintor.

Diante dessa coleção de relatos escritos e registros sonoros e plásticos, que testemunham como o teatro de grupo vem povoando de vibrações e afetos mortos, ruas e avenidas, em sua parada carnavalesca (cujo interesse não se esgota nesta edição), esperamos que a leitura da *Rebento* 16 seja tão contagiante, que também queiramos sair no samba.

**Editoria Rebento 16**

**Alexandre Mate, Carol Angrisani, Poliana Pitteri e Lúcia Romano**